

A Sigatoka-amarela, causada por *Mycosphaerella musicola* Leach, é um dos principais problemas no cultivo da bananeira no Brasil. Apesar da condição semi-árida do Norte de Minas Gerais, o patógeno causador da doença está perfeitamente adaptado à região e tornou-se um dos principais problemas da cultura, requerendo a aplicação de fungicidas para o controle da doença. Segundo as normas técnicas estabelecidas para o sistema de produção integrada, para qualquer ação que demande a utilização de defensivos necessita-se de uma justificativa técnica para sua implementação. Nesse sentido, foi implementado o monitoramento da doença pelo sistema de pré-aviso biológico, em cada uma das propriedades aderidas à Produção Integrada de Banana (PIB), visando o controle racional da Sigatoka-amarela. A estratégia adotada prevê ainda a integração de práticas culturais que possam reduzir o inóculo no interior do bananal, cuja prática principal adotada foi a desfolha sanitária e/ou desfolha cirúrgica. O monitoramento via pré-aviso biológico prevê a leitura semanal dos estádios de lesão nas folhas dois, três e quatro da planta e a leitura do estádio da vela. Essas informações após trabalhadas fornecem os dados de soma bruta e/ou estádio de evolução, a partir dos quais é tomada a decisão para se fazer a aplicação do defensivo. Determinou-se que a soma bruta 1000 seria o valor a ser baseado para as aplicações, embora a observação do progresso da doença possa servir de base para disparar o aviso de controle, quando o crescimento da doença apresentar picos acentuados por semanas seguidas. É possível que alguma aplicação ainda seja feita antes do início do próximo período chuvoso, mas de uma forma geral, foram feitas de duas a quatro aplicações por propriedade. Para o caso de ter-se adotado o sistema de calendário fixo, que prevê uma aplicação mensal com a utilização de fungicidas sistêmicos poder-se-ia atingir até sete aplicações para o período de novembro a maio, representado neste caso uma redução de até 50% no número de aplicações.

<sup>1</sup>Embrapa Mandioca e Fruticultura Tropical, Cx. Postal 007, Cruz das Almas-BA, CEP: 44380-000, e-mail: zilton@cnpmf.embrapa.br; <sup>2</sup>EPAMIG-CTNM, Nova Porteirinha-MG, CEP: 39527-000, e-mail: mariodias@epamig.br; <sup>3</sup>UNIMONTES, Escola de Agronomia, Janaúba-MG.

## FREQÜÊNCIA DE PODA NO CONTROLE DA VASSOURA DE BRUXA DO CUPUAÇUZEIRO NO AMAZONAS

Maria Geralda de Souza<sup>1</sup>, Aparecida das Graças de Souza<sup>1</sup>, Rodrigo Fascin Berni<sup>1</sup>, Sebastião Eudes Lopes da Silva<sup>1</sup>, Aduino Maurício Tavares<sup>1</sup>

A vassoura de bruxa (VB), causada pelo fungo *Crinipellis perniciosa* (Stahel) Singer é a doença mais danosa ao cupuaçuzeiro (*Theobroma grandiflorum* (Willd.ex Spreng.) Schumann). No Amazonas, a doença incide de forma severa, infligindo pesadas perdas aos produtores e limitando a expansão da cultura. No manejo integrado, a poda fitossanitária, onde os tecidos infectados são removidos da planta, é a técnica comumente praticada para o controle da doença, visando a redução de inóculo. Essa prática cultural torna-se dispendiosa para o produtor, uma vez que a doença ocorre durante o ano todo. O objetivo do trabalho foi avaliar

efeito da frequência da poda no controle da vassoura de bruxa do cupuaçuzeiro. Para tanto foram avaliadas três épocas de poda: bimestral, quadrimestral e semestral, durante três anos consecutivos (2003 a 2005). O experimento foi conduzido no campo experimental da Embrapa Amazonas Ocidental, Manaus-AM. Com base na análise estatística, os resultados demonstraram que a incidência de VB, avaliada pelo número de vassouras por planta, foi menor no tratamento com a poda quadrimestral quando comparado com a poda bimestral. A incidência da VB foi maior em 2004, superando em 73,4% e 97,6% os anos de 2003 e 2005, respectivamente. Com base na evolução da doença entre os anos, os resultados indicaram que a incidência da VB aumentou de 2003 para 2004, em 75%, 57% e 82%, para os tratamentos com as podas bimestral, quadrimestral e semestral, e reduziu de 2004 para 2005, em 42%, 48% e 58%, respectivamente.

<sup>1</sup>Embrapa Amazônia Ocidental, Cx. Postal 319, Manaus-AM, CEP: 69011-970, e-mail: geralda@cpaa.embrapa.br; claret@cpaa.embrapa.br; rodrigo@cpaa.embrapa.br; seudes@cpaa.embrapa.br; adauto@cpaa.embrapa.br. Trabalho realizado com recursos da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM.

## REDUÇÃO DA PRODUÇÃO EM GOIABEIRAS INFECTADAS PELA FERRUGEM, CAUSADA POR *Puccinia psidii*

Marlon Vagner Valentim Martins<sup>1</sup>, Silvaldo Felipe da Silveira<sup>2</sup>

A ferrugem é a principal doença da goiabeira. O fungo *Puccinia psidii* Winter infecta brotações novas e em botões, causando necrose em frutos novos, mumificação e queda, diminuindo acentuadamente a produção da planta. Com o objetivo de avaliar os danos ocasionados pela ferrugem na produção da goiabeira, variedade Paluma, foram feitos dois experimentos de controle químico da doença no campo no município de São Francisco do Itabapoana-RJ. Os experimentos realizados nos anos de 2003 e 2004 foram conduzidos em blocos casualizados, com cinco repetições. Em 2003, avaliou-se a eficiência de azoxystrobin (100 mg/L), cyproconazole (150 mg/L), mancozeb (1600 mg/L), pyraclostrobin (100 mg/L), tebuconazole (150 mg/L) e triadimenol (310 mg/L) e água no controle da doença. Os fungicidas tratamentos foram pulverizados quinzenalmente e intercalados semanalmente com oxicleto de cobre (2400 mg/L). Iniciaram-se as pulverizações quando 47% dos botões estavam com ferrugem. Verificou-se nesse experimento que a redução da produção da goiabeira em kg e no frutos/ha foi de 28% e 19%, respectivamente, para o tratamento triadimenol (baixa incidência da doença), ao passo que na testemunha (alta incidência da doença) houve uma redução de 91% da produção na ausência do controle químico. Em outro experimento (2003 - 2004), empregaram-se os fungicidas azoxystrobin (100 mg/L), mancozeb (1.600 mg/L) tebuconazole (150 mg/L), triadimenol (310 mg/L) e água no controle da ferrugem. Iniciou-se o controle com oxicleto de cobre (2.400 mg/L) quando em média 7% de botões estavam doentes. Os fungicidas tratamentos foram aplicados a partir do 9º dia da 2ª pulverização com oxicleto de cobre, em intervalos quinzenais. Nessas condições, a redução da produção da goiabeira em kg e no